

O vereador Newton Macedo Campos apresentou na Câmara Municipal projeto de lei considerando a ilha dos Frades como "reserva biológica". O projeto teve aprovação geral da câmara e daqueles que se interessam pela preservação, pelo menos de uma única ilha, de São Paulo de Todos os Santos.

O projeto de Newton Macedo Campos é o seguinte: Artigo 1.º — Fica considerada "reserva biológica" a localidade denominada ilha dos Frades, situada na Baía de Todos os Santos. Parágrafo Único — Aplica-se à presente lei o artigo 137 do Código de Obras e Urbanismo (Lei 2.403). Os outros dois artigos dizem coisas que já se encontram em vigor na data de sua publicação e revogam-se as disposições em contrário.

Assim, o projeto é curto, seu alcance é muito amplo e não há quem possa apresentar a menor oposição a ele. Em reportagem que publiquei, há alguns anos, sobre nossas ilhas, disse que estavam sendo devastadas pelos loteamentos de São Paulo. As antigas rochas e charcos foram perdidos a pequenos lotes, chamados de mangues de mangueiras, jatiapóres, sapotais, cujeiros e tantas outras árvores frutíferas que são até enfadonhas a citação. Desapareceram as famosas mangas da Ilha de São Paulo, os mangues e praticamente todas as terras. Os terrenos atingiram até as terras de beira-mar do Recôncavo como Barra do Paraguaná, Bom Jesus dos Pobres, Cabussu, Mutá, Caneças, Pajalá e todos os demais pontos de variação que foram verdadeiros paraísos e que foram arrasados pelas maldades dos loteamentos. Dentro de poucos anos não ficaria nem vestígio da antiga beleza e sedução de nossa baía com as águas entremeadas e poluídas e as ilhas loteadas da maneira mais imprópria e sem qualquer controle. Os resultados já estão se fazendo notar: os peixes desapareceram do Recôncavo, Ilha de São Paulo não tem mais água, os caranguejos e siris, que não faltam, não são mais encontrados e até o próprio clima está mudando, as terras se tornando infértis com as drenagens das lagoas e dos mangues para os loteamentos.

A ilha dos Frades é a única ilha que pode realmente ser preservada e na justificativa do

Ilha dos Frades deve ser preservada

José Augusto Berbert

passaros, aves, crustáceos, peixes e moluscos estão a exigir que a sensibilidade do poder público a abroquele a fim de protegê-la urgentemente, resguardando-a de predatória especulação imobiliária.

Torna-se de justiça, aqui esclarecer, que a reivindicação em pauta nasceu entre conculcadas e ameneres patricios e contrerfines. Antônio Rebouças, engenheiro e um dos nossos mais renomados artistas plásticos foi um dos pioneiros dessa generosa ideia. Esse balano vem, com extrema atenuação, conseguida, para esta grande causa, adesões das mais valiosas, entre as quais encontra-se o nosso extraordinário Jorge Amado, sempre presente na defesa das reivindicações mais justas da nossa terra e da nossa gente.

Outros grandes nomes defensores do presente projeto são os do cientista de prestígio internacional Augusto Rusky, do Museu de Biologia professor Mello Leitão, Vasconcelos Maia, da Academia de Letras da Bahia, jornalista, escritor, contista maior, ex-diretor do Departamento de Turismo, que há muito se preocupa com o destino da ilha dos Frades.

Diante do exposto, solicitamos que a Câmara Municipal de Salvador, cumprindo dever inerente às suas tarefas e atribuições e nos limi-

que introduziram os loteamentos, os precursos desse devastador sistema que tantos males faziam à ecologia.

Em 1748 os frades venderam a posse a um tal João da Costa, homem do recurso, estabelecido em Ilha de São Paulo. E os jesuítas venderam a ilha por espartaço, porque sabiam que Pombal (a expulsão do Brasil) o que fez em 1761. A ilha não foi incluída no sequestro pela coroa dos bens pertencentes à Companhia de Jesus.

Segundo outros historiadores — citados por Newton Macedo Campos — o primeiro proprietário foi o ilustre Simão da Gama, que a ilha pertenceu à Mãe de Deus. Simão procurou estabelecer-se em seus terrenos e deles tomar posse, o que fez precariamente dando a forte resistência dos indígenas, no local hoje conhecido como Coqueiros (perto da atual Fazenda Marina). A hostilidade dos tupinambás, ali fixados, era violenta. Estavam defendendo seus campos e a ilha era uma furtiva de florestas, águas, caça, do melhor, peixes, mariscos e crustáceos na beira das praias.

Vendo que não podia administrá-la sozinho, Simão da Gama a dividiu em várias propriedades, sistema que permanece até hoje.

Quando a escravidão era legal, a ilha dos Frades passou a ser local das quarantenas dos negros africanos que chegavam. E também ponto de "engorda" dos pobres pretos que chegavam magros e quase mortos. Ali eram covados com bois, para alcançarem bons preços dos concorrentes.

Foi também, quando os jesuítas voltaram ao Brasil, estação de recolhimento dos frades e padres da Ordem por seu clima agradável e pelo isolamento. Mas depois chegou a ser até um "refúgio" para os pobres pretos que chegavam magros e quase mortos. Ali eram covados com bois, para alcançarem bons preços dos concorrentes.

FAZENDA MARINA

Na ilha dos Frades só prosperou mesmo a Fazenda Marina. Newton Macedo Campos relata na justificativa do projeto:

"A vasta área que se iniciou no Porto dos Coqueiros, estendendo-se pelas apicadas, sulco até os morros, desceu aos groves, varou, florestas, atravessou riachos, pulou lagoas e chegou à ilha e brinca praia hoje conhecida como COSTA DE FORA, constituindo-se na FAZENDA MARINA (1.620.000 m², segundo planta rasa levantada e fixada pelos engenheiros do Serviço do Domínio da União, Ministério da Fazenda), sempre se caracterizou por dois pontos entre si ligados:—

a) a preservação do "sítio" rico matas, embora tivesse por muito tempo alimentado a fome de lenha dos antigos vapores da Cia. de Navegação Bahiana — lenha essa racionalmente cortada;

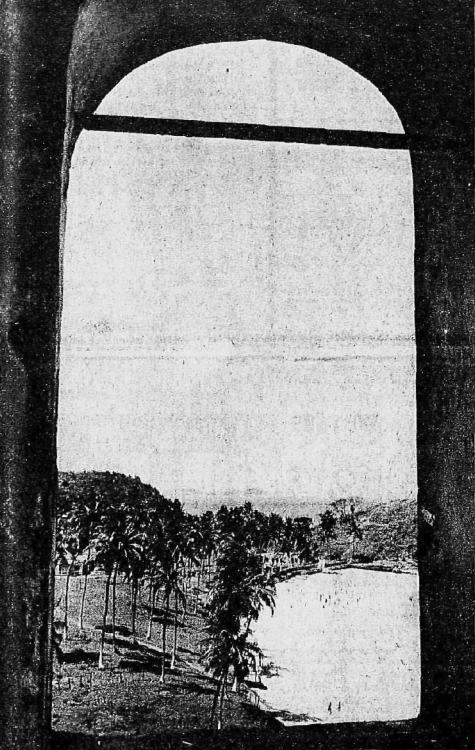
b) o gosto pela policultura (onde se destacam até nossos dias, a do coco, dendê, mandiocas, frutas, legumes e mesmo flores) — o que lhe emprestou, em toda a ilha, o aspecto de um verdadeiro "colégio".

A situação, a posição e a prosperidade da Fazenda Marina muitas vezes lhe foi desfavorável. Em várias ocasiões, expedições de inimigos da Coroa portuguesa ou nas dessas mesmas expedições, desviadas pelo forte vento sul abrigavam-se ou escondiam-se na concha de levas correntes, protegidas dos temporais. Cobrada por seu aspecto generoso de fartura agrícola e pelos frescos e puros mananciais de água limpa que desfilam até a praia, era então assediada e assaltada por suas tripulações, muito menos pelo desejo de destruição (franceses, holandeses ou simples piratas tinham mais a ver com a destruição de engenhos de cana-de-açúcar alhos no continente) do que pela necessidade de reabastecimento. Se havia, por parte dos residentes, colaboração ou omissão (na maioria das vezes corria, principalmente as mulheres, para o sítio dos morros, para a escultura das florestas) os invasores abasteciam-se do que necessitavam ou iam pouco além: saqueavam a casa da fazenda do que podiam levar de pouco peso e de muito valor. Tal não acontecia, não aconteceu, depois que os de terra passaram a reagir. Começaram a resistir, primeiro contra-ando, nos meados do Séc. XVI, um castro bem alçado sobre pedras, com "paredes de pedra e cal", grossas tesouras de pau-ferro, te-

ilhas de barro bem cravadas. Larga, comprida, a casa escafpada, rodeada de varandas amplas, passou a ser lar de atividades puramente domésticas durante o tempo de paz e o fortalecimento de movimento bélico durante as tentativas, nem sempre bem-sucedidas de desembarque. Apontando para as águas mansas da angra em suas carretas podiam ser vistos, até a configuração da 2.ª Grande Guerra, cinco canhões de médio porte e de porte pequeno, todos eles, com exceção do menor, canhões e embarcações para os Estados Unidos da América do Norte, naquele famoso esforço de guerra contra Hitler, estando ali, hoje, ao lado dos alçerces inteiros da casa fortaleza e de paredes rachadas, a peça menor ainda em condições de disparar.

As referências históricas encontradas sobre a Fazenda Marina (e sobre a ilha dos Frades) juntas se também, escritas e orais, dozeas de lendas. O que não é de estranhar, pois, povoada originalmente por tupinambás agitados, canibais e sobretudo supersticiosos, as suas crenças misturaram-se a imaginosa catequização jesuítica e posteriormente o folclore riquíssimo dos negros africanos.

Se muitas dessas lendas foram perdidas, outras permanecem na lembrança dos seus habitantes mais antigos ligadas quase sempre a um aspecto natural próximo: uma pedra, uma lagoa, uma escada, um riacho, uma gruta, um outeiro, uma escarpa, um bosque, um viçoso.



Pela janela da antiga igreja, agora em ruína, a vista da Praia da Ponta de Nossa Senhora.

seu projeto o vereador Newton Macedo Campos expla a razão. Vale a pena a transcrição do que diz o vereador:

JUSTIFICATIVA

"Uma das maiores preocupações da civilização atual é a ecologia. O progresso tecnológico no mundo moderno trouxe consigo, também, sequelas nefastas, sobretudo, com relação à preservação do meio ambiente. Cumpre, portanto, a nossa geração, a responsabilidade individual, paralelamente a esse desenvolvimento, prevenir de modo racional para o futuro a sobrevivência de todos os seres vivos.

As ações municipais de Salvador, do qual esta câmara é parte integrante, cabe, no âmbito da sua competência, estabelecer diretrizes, criar normas, desenvolver esforços, no sentido de oferecer contribuição efetiva e responsável, medidas concretas, urgentes e necessárias para proteger nossas riquezas naturais, de modo especial, os nossos mananciais — nossa fauna e nossa flora.

A ilha dos Frades, situada na Baía de Todos os Santos, circunscrita nos domínios de Salvador, e, entre todas as demais ilhas, dentro dos domínios da mais apropriada e com maior vocação para ser considerada "reserva biológica" do município. Sua paisagem paradisíaca, suas praias, enseadas, fontes, regatos, cascatas e florestas, juntamente com sua riquíssima fauna,

tes de sua competência, acolha e aprove o presente projeto de lei".

A ILHA DOS FRADES

Alla dos Frades, para mim, é a maior ilha do Recôncavo, depois de Ilha de São Paulo. Tomando como ponto de partida a ilha de São Paulo, não parece. Conheço a ilha dos Frades desde menino e sempre tive por ela o maior encanto. Quando viajava em Ilha de São Paulo, a ilha de Deus, foi destruída pelo petróleo. Quando passava temporadas em Bom Jesus dos Pobres, junto à ilha de Madre de Deus, lá, durante a ilha dos Frades, buscar água de primeira qualidade na Fonte do Vovó, que era considerada muito melhor que a água de Ilha de São Paulo. Na sua outra ponta, que fica em frente à Mãe de Deus, a ilha dos Frades tem a Igreja mais bonita da Bahia, a do Loreto, que parece flutuar dentro d'água.

Por que a ilha tem o nome de "dos Frades"? Diz Newton Macedo Campos que, "nos princípios do descobrimento do Brasil, deu a costa, naqueles mares, os restos de um navio. Religiosos que não viajavam, que haviam escapado do naufrágio ali se refugiaram, ligados em uma ilha, e ali se estabeleceram bem recebidos pelos gentios. Mas nossos índios não respeitaram suas batinas e hábitos e os começaram a fazer com os inimigos que capturavam". O vereador cita Frei Apolinário de Santa Maria no seu livro "Santuário Mariano", dizendo ser esta a origem do nome. Outros autores, entretanto, dizem que a ilha tomou o nome de "dos Frades" porque a eles pertence, doada que foi por Tomé de Souza, em 1551. O domínio dos jesuítas, sobre a ilha foi até 1748.

O vereador Macedo Campos estuda a história da ilha e conta alguns aspectos pitorescos. Segundo Inácio de Menezes, em "Na Bahia, em Boa Terra", "pouco fizeram os jesuítas nessa ilha", o que não é surpreendente porque pouco fizeram em todos os outros locais que obtiveram para si.

Em 1561 os jesuítas d'vidram a ilha em lotes, cujos proprietários, porém, não foram os frades "loro". E por ali nós vemos que foram os frades

Em torno do velho e arruinado sobrado, também não faltam casos: de asombração, de amores escabrosos, de dilúvio lírico, de propolência patrilial, de torturas inomináveis, de imagens de santo que saíam de seus pedestais para andanças noturnas e milagres de espantar, de arcaes rejeitas de ouro escondidas em subterrâneos para sempre soterrados".

TEMPOS ATUAIS

Depois dessa exposição do autor do projeto, devo dar meu testemunho: vi a Ponta de Nossa Senhora sob o objeto de um mesmo loteamento e os lotes sendo vendidos aos montes, naquele tempo baratíssimos. Felizmente o loteamento não se realizou por uma confusão dos diábolos. Eram tantos os vendedores que os mesmos lotes terminaram com seis ou mais proprietários cada um. Ninguém mais se entendeu e, felizmente, nunca houve o loteamento daquela área, a mais bonita da ilha. Se o loteamento fosse realizado, a ilha não estaria agora em condições de ser transformada em "reserva ecológica".

OS DEFENSORES

O projeto é de autoria de Newton Macedo Campos, mas ele mesmo declara e proclama que a ideia de preservação da ilha dos Frades em reserva ecológica é coisa antiga. Partiu de Antônio Rebouças, o escritor Vasconcelos Maia e de Jorge Amado e outros. Lembremo-nos de Vasconcelos Maia e seu amor pela ilha dos Frades. Chegou a vender tudo que possuía e comprou uma fazenda ali, tendo se transferido para lá. Mas como pensava mais em conservação da ilha do que em negócio, não teve êxito financeiro, o que era de se esperar num idealista como ele. Antônio Rebouças e Vasconcelos Maia fizeram o que foi possível pela preservação da ilha, até que receberam o apoio de Jorge Amado, que escreveu cartas e artigos defendendo a ideia, lutando por ela com todo seu entusiasmo. Vasconcelos Maia foi e continua sendo incansável na luta e por o projeto de Newton Macedo Campos sua participação em vários pontos.

Agora parece que a coisa vai. Com Renan Balseiro na Prefeitura e Antônio Carlos Magalhães no governo, homens de sensibilidade, que amam a Bahia e lutam pela sua preservação, creio que o projeto terá aprovação, como indiscutivelmente merece.

E minha colaboração é esta matéria.



A Igreja de Nossa Senhora do Loreto parece flutuar nas águas



No fundo, as ruínas da casa senhorial, numa praia que é um paraíso

A TARDE

Editor Geral Adjunto desta edição
JUNOT SILVEIRA
Editor do Caderno 2

FRANCISCO RIBEIRO DE CARVALHO

Diagramado por

ANGELA CARVALHO E ROBERTO VICENTE

Editorial A TARDE — Salvador, Bahia